ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

# *PODER SEM PUDOR* E REFERENCIAÇÃO: SENTIDOS E OBJETOS DE DISCURSO EM NOTAS JORNALÍSTICAS

## *Power of no purpure and reference: sense and objects of speech in journalistic notes*

*Rosani Muniz Marlow*[i]
*Universidade Federal do Espírito Santo*

*"Nunca teremos certeza de como é o mundo em si"*
*(Kant)*
*"É essencialmente na interação que se constrói o sentido"*
*(Marcuschi)*

**Resumo:** Na vertente dos estudos da Linguística Textual (LT), há uma complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento no discurso. É na interação dessas instâncias que o sentido se dá. Ao ser produzido, o discurso, veículo e produto dessa interrelação, organiza-se naturalmente numa tessitura de fenômenos que marcam os esforços dos interactantes, tanto para um querer dizer quanto para um compreender o que está sendo dito. O presente artigo aborda aspectos da construção e da negociação de sentidos no discurso, bem como descreve sobre a inserção, a manutenção, a retomada, a transformação dos objetos de discurso através dos processos de referenciação, considerando as abordagens de Cavalcante (2011; 2014), Koch (2008; 2011), Marcuschi (2000; 2005) e outros. Para esta análise, serviram de *corpus* notas jornalísticas não tradicionais, denominadas *Poder sem pudor*, porque seus textos, além de conteúdo histórico-político, reunem aspectos multimodais, de crítica, de irreverência e de humor, os quais ampliam as possibilidades de apreensão e construção de sentido.

**Palavras-chave:** Sentido. Objeto de discurso. Referenciação.

**Abstract:** In the study of Textual Linguistics (LT), there is a complex relationship between language, world and thought in discourse. It is in the interaction of these instances that meaning is given. When it is produced, the discourse, vehicle and product of this interrelationship, is naturally organized in a web of phenomena that mark the efforts of the interactants, both for a wanting to say and for an understanding of what is being said. The present article deals with aspects of the construction and negotiation of meanings in discourse, as well as describing the insertion, maintenance, retaking, transformation of discourse objects through the processes of reference, considering the approaches of Cavalcante (2011, 2014), Koch (2008; 2011), Marcuschi (2000, 2005) and others. For this analysis, they served as corpus non-traditional journalistic notes, called *Power without modesty*, because their texts, in addition to historical-political content, bring together multimodal aspects of criticism, irreverence and humor, which increase the possibilities of apprehension and construction of meaning.

**Keywords:** Direction. Object of speech. Referral.

## Introdução

*Poder sem pudor* é o título de notas jornalísticas publicadas diariamente no Caderno de Política do Jornal A Tribuna, do Estado do

Espírito Santo, na Coluna do jornalista Cláudio Humberto e colaboradores. Estas notas ocupam espaço fixo centimetrado de 10x6cm e diferem-se das demais notas de conteúdo político pelo caráter histórico-crítico-humorístico, já que, em geral, retomam breves fatos e ilustres personalidades da história política brasileira em situações diversas, não cronológicas, em contextos até irrelevantes, mas que, sob o prisma do humor, proporcionam uma leitura irreverente, reflexiva e informativa. *Poder sem pudor* é um texto multimodal pelo fato de combinar duas formas linguísticas: verbal e não verbal, já que as notas são ilustradas, não sendo, porém, objetivo deste artigo salientar a linguagem não verbal, nem analisar os fenômenos que abrangem os títulos das notas. Pretende-se, sim, analisar, com base em estudos da referenciação, segundo a Linguística Textual (LT), de que forma o sentido é construído e negociado entre interactantes, no caso jornalista e leitor de jornal, e observar como os referentes são apresentados, delimitados, desenvolvidos, retomados, qualificados, recategorizados, de forma a ativar a memória do leitor e a construir sentidos que evidenciem a crítica e despertem o humor nas notas jornalísticas.

Para tanto, e buscando contribuir também para que o leitor tenha mais êxito ao deflagrar um conhecimento político compartilhado, serão analisadas seis notas jornalísticas de *Poder sem Pudor*, publicadas entre os meses de agosto e setembro de 2015, as quais noticiam acontecimentos que retomam nomes de personagens que ocuparam o cargo máximo da política no Brasil: a presidência da República.

**Construção e negociação de sentidos**

A linguagem proporciona a interação entre sujeitos de uma mesma comunidade linguística. Uma interação plena, porém, não se garante apenas pelo fato de os interactantes utilizarem o mesmo sistema linguístico. Outros aspectos e outros conhecimentos são intrínsecos e necessários para que a linguagem seja instrumento para a construção de uma mesma realidade contextual, para a estabilidade de um sentido compartilhado entre falantes. Numa perspectiva dos estudos da LT, a linguagem mobiliza e integra duas grandes dimensões: a linguística e a sociocognitiva.

Cavalcante (2014) reforça essa visão com os estudos de Beaugrande (1997) de que o texto é um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, os fatores cognitivos e sociais, e explica, com base em Koch e Costa Val, que

> a atividade interativa textual não se realiza exclusivamente por meio de elementos linguísticos presentes na superfície do texto, nem só por seu modo de organização, mas leva em conta também o conhecimento de mundo do sujeito, suas práticas comunicativas, sua cultura, sua história, para construir os prováveis sentidos no evento comunicativo (KOCH, 2002; COSTA VAL, 1999, apud CAVALCANTE, 2014, p. 19).

Os sentidos do texto, segundo Marcuschi (2005), fundam-se numa atividade de interação e co-produção em que os conhecimentos partilhados têm importância crucial. Concorda com esta posição Koch (2008, p. 101), ao afirmar que,

> no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário mobilizar conhecimentos – socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos -, bem como situar-se dentro das contingências histórias, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos (KOCH, 2008, p. 101).

Van Dijk (2012, 2013) colabora com esta compreensão ao defender que, antes que os usuários da língua sejam capazes de relacionar as informações recebidas com o conhecimento linguístico mais geral e outros conhecimentos arquivados na memória, eles devem analisar o contexto em relação ao qual um determinado ato de fala é realizado, e que "os contextos não são um tipo de condição objetiva ou de causa direta, antes constructos (inter)subjetivos concebidos passo a passo e atualizados na interação pelos participantes enquanto membros de grupos de comunidades" (2012, p. 11). É com base neste entendimento que o autor propõe os contextos como modelos mentais, como construtos únicos, subjetivos e dinâmicos dos participantes das situações interativas, sendo tais esquemas fundamentados nos entornos da vida cotidiana e moldados pelas experiências vivenciadas nas ações compartilhadas socialmente

> os esquemas de modelos são úteis não só para organizar nossas experiências do dia a dia, compreender o discurso ou contar histórias, mas também para os momentos em que precisamos buscar e recuperar nossas 'memórias pessoais, isto é, modelos mentais' (VAN DIJK, 2012, p. 101).

Sendo assim, cognitivamente, a referência do discurso é relativa a um modelo de situação (VAN DIJK, 2013) e a coerência é uma espécie de condição discursiva ou, como entende Marcuschi (2005), uma condição de acessibilidade intersubjetiva entre os produtores e os receptores de discursos, desde que estejam interagindo colaborativamente.

Portanto, a construção e a negociação dos sentidos nos textos de *Poder sem Pudor* vão depender da qualificação do leitor não apenas em sua

capacidade linguística de "decodificação", mas como um ser histórico-social-político, no sentido de ativar na memória um leque considerável de conhecimentos não só contemporâneos, mas que vão desde o início da República (1889), passando pelas ditaduras de Vargas (1937-1945) e Militar (1964-1985) até os dias atuais. A necessidade de interagir com o autor, ou seja, de ativar seus conhecimentos sobre personalidades e acontecimentos políticos históricos, pode limitar a atração e a compreensão do texto para um leitor com insuficiente bagagem cultural política ou que não tenha interesse pelo assunto. Além disso, convém relembrar, com Marcuschi (2005), que o texto escrito segue um processo enunciativo mais calculado, na base de suposições sócio-cognitivas e planejamento de maior alcance e que cada gênero discursivo, neste caso a nota jornalística, apresenta algumas características próprias em relação a sua configuração textual.

**Construção e progressão referencial**

Na construção de um texto, os movimentos de retroação e de prospecção presidem à criação da tessitura textual. Ao estudar-se a progressão textual, está em foco a prospecção ou a sequenciação, ou seja,

> procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir (KOCH, 2011, p. 121).

Para explorar-se a questão dos referentes em *Poder sem Pudor*, serão considerados os conceitos de referenciação como "ação de referir", conforme Cavalcante (2014, p. 98) e de referente, ou objeto de discurso, como "uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais" que são, normalmente, sintagmas nominais. A autora entende que "conhecer as estratégias de referenciação implica, portanto, compreender um mecanismo de estruturação do texto, algo absolutamente fundamental para a construção da coerência" (CAVALCANTE, 2014, p. 102).

Conforme Marcuschi (2005), pode-se dizer que a referência providencia pistas sugestivas para a produção de sentido e a coerência é o aproveitamento dessas sugestões para a elaboração de sentidos específicos em modelos representacionais. Porém, essa não é uma regra geral, porque haverá casos em que a inferenciação dependerá de uma atividade global, além das relações imediatas ou da simples identificação de referentes.

Segundo Cavalcante (2014, p. 105), o processo de construir referentes implica construir, por meio da linguagem, de suas escolhas lexicais, uma versão, uma elaboração dos eventos ocorridos, ou seja, o papel da linguagem não é expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, porque esta será sempre reelaborada, negociada, entre falantes. Da mesma forma, entende Koch (2011, p. 79) que a referência não é uma "simples representação extensional de referentes do mundo extramental: [...] interpretamos e construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural". Em outras palavras,

> A referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo* (KOCH, 2011, p. 79, grifos da autora).

Sendo assim, os objetos de discurso não são uma simples remissão linguística a algo autônomo, mas são, conforme Koch (2011, p. 80), "dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos, podem ser modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados, construindo-se ou reconstruindo-se, assim, o sentido, no curso da progressão textual". Desta forma, a constituição discursiva se faz por meio dos princípios de ativação, reativação, desativação de referentes textuais. Esse processo se dá naturalmente, para atender ao direcionamento argumentativo que o produtor pretende dar ao seu texto, mas também para atender intenções expressivas, emotivas, poéticas, críticas, humorísticas etc. Inclusive, esse direcionamento argumentativo pode revelar pontos de vista, opiniões, crenças e atitudes do locutor e pode ser melhor entendido nas palavras de Elias:

> a referência a indivíduos, fatos, eventos, ações, fenômenos, estados e coisas do mundo é feita de forma negociada, levando em conta que o sujeito que diz se empenha não somente em dizer algo, mas também, e principalmente, em fazê-lo de forma a ser entendido, atividade para a qual concorrem os conhecimentos que possui sobre os interlocutores [...], a situação da comunicação, as coisas do mundo, o uso da língua, enfim (ELIAS, 2010, p. 53).

Os objetos de discursos recategorizados, ou seja, que sofreram uma mudança e foram retomados sob nova "roupagem lexical", são chamados de anáforas recategorizadoras. Essas mudanças, retomadas, reelaborações, reconstruções de objetos de discurso são percebidas pelo leitor ou

interactante justamente porque a atividade referencial é cognitiva, porque a interação linguística pressupõe sujeitos capazes de processar, compreender, os textos que produzem a partir de experiências e conhecimentos compartilhados socialmente. Sobre isso, Koch afirma que

> a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento linguístico (um "antecedente") ou um objeto específico no mundo, mas sim em estabelecer uma ligação com algum tipo de informação que se encontra na memória discursiva (KOCH, 2011, p. 81).

Da mesma forma, Cavalcante lembra que a recategorização aborda não somente o viés do processamento cognitivo de como os conceitos são construídos na mente humana, "mas também sob o ponto de vista discursivo, ou para salientar traços de expressivamente nos arranjos estilísticos de um texto, ou para ressaltar a importância da transformação dos referentes no desenvolvimento argumentativo do discurso" (CAVALCANTE, 2011, p. 152).

Segundo Koch (2011, p. 85), entre as principais estratégias para a progressão referencial, ou seja, aquelas que permitem a construção, no texto, de cadeias referenciais por meio das quais se procede à categorização ou recategorização discursiva dos referentes, estão o uso de pronomes ou elipses (pronome nulo); o uso de expressões nominais definidas, e o uso de expressões nominais indefinidas. Ainda, nos estudos sobre a referência textual, deve-se "levar em conta as funções cognitivas, semânticas, pragmáticas e interativas das diversas formas de expressões referenciais, que precisam ser vistas como multifuncionais" (KOCH, 2011, p. 106).

Os processos referenciais, segundo autores como Cavalcante, Koch, Marcuschi e outros, dividem-se em duas estratégias: primeira, se as entidades são introduzidas no texto pela primeira vez, isto é, se elas ainda não foram citadas antes no texto, configura-se a introdução referencial. A essas entidades denominamos referentes ou objetos de discurso (OD), as quais, após introduzidas no texto, cognitivamente, passam a ficar disponíveis para retomadas ou remissões. Dado um objeto de discurso, pode ocorrer a sua retomada, com ou sem recategorização, ou pode haver simples remissão a este objeto, mantendo-o em foco e originando cadeias referenciais.

Como segunda estratégia, se os referentes já foram de algum modo evocados por pistas explícitas no contexto, evidencia-se a continuidade referencial. Essa continuidade, segundo Cavalcante (2011, p. 61), não significa necessariamente a manutenção de um mesmo referente já

introduzido no texto. Quando há a retomada de um mesmo referente, há uma retomada correferencial. Quando não há essa correferencialidade, a continuidade se estabelece por uma espécie de associação que os participantes da enunciação elaboram por inferência.

Assim, as estratégias de continuidade ou progressão referencial exigem a consideração de um termo-âncora formalmente dito na superfície textual, ou cotexto, e são chamadas de anáforas. Estas, por sua vez, podem ser anáforas diretas (AD) quando correferenciais, isto é, quando uma nova expressão está atrelada, ancorada, a algum elemento do contexto anterior ou da situação imediata de comunicação; ou anáforas indiretas (AI) quando não correferenciais, isto é, quando não há a situação de atrelamento a elementos ou situações anteriores, no texto, mas há possibilidade de inferência ou ancoragem cognitiva para a interpretação do sentido.

São casos de ativação ancorada cognitivamente as anáforas indiretas (AI) e associativas (AIA), bem como expressões anafóricas por meio das quais se criam novos objetos de discurso, ao operar-se a sumarização ou o encapsulamento de segmentos textuais, quer por meio de pronomes neutros, como "isso" e "aquilo" (AIE), quer por meio de expressões nominais, quando, então, ocorre a rotulação (AIR). O rótulo vai categorizar o segmento resumido de certa maneira, de acordo com a avaliação que o autor faz do seu conteúdo. Por outro lado, ao leitor caberá identificar exatamente a porção de texto encapsulada para chegar à interpretação adequada.

Já as anáforas indiretas inferenciais (AII), conforme Cavalcante (2011, p. 63), são aquelas inferencialmente baseadas, que englobam casos de recuperação de referente indireto que exigem percepção da situação enunciativa, informações de conhecimento culturalmente compartilhado, dados fornecidos pelo próprio desenvolvimento textual e argumentativo etc.

Em geral, as AI e suas variações (AIA, AII, AIE e AIR) introduzem novos OD em virtude da associação cognitiva, inferida, com outros OD já dados, a partir de *frames* ou modelos cognitivos e conhecimentos enciclopédicos de modo geral.

O conceito de *frame*, segundo Ferrari (2014), reflete uma estrutura de conhecimento subjacente à linguagem, uma estrutura cognitiva permanente e estável, associada ao armazenamento de conhecimentos culturalmente compartilhados. Além disso, o *frame* dá sustentação ao significado das palavras e expressões como função, e não como entidade.

Para dinamizar a análise a seguir, de forma resumida, propõe-se a seguinte tabela de processos referenciais que serão identificados em *Poder sem pudor*.

Tabela 1: Processos referenciais em *Poder sem pudor*

| | Introdução referencial | Referente ou Objeto de Discurso | OD |
|---|---|---|---|
| **Processos referenciais** | Continuidade referencial | Anáforas diretas | AD |
| | | Anáforas indiretas – Associativas | AIA |
| | | Anáforas indiretas – Inferenciais | AII |
| | | Anáforas indiretas - Encapsuladoras | AIE |
| | | Anáforas indiretas - Rótulos | AIR |

Cavalcante (2011) ainda informa que alguns autores decidiram por não distinguir as anáforas indiretas, reunindo-as todas num só conjunto de "anáforas associativas" com a explicação de que "não importa a origem da âncora em que se apoia o anafórico indireto, nem importa a forma como ele se manifesta [...], pois o que vale é o mecanismo inferencial envolvido no processo" (CAVALCANTE, 2011, p. 63), posicionamento este adotado pela autora em sua obra.

Paralelamente ainda, outro fenômeno, a dêixis (D), será abordado, tendo em vista que este pode acontecer ou independente ou sobrepondo-se aos casos de introdução referencial e de anáforas. As expressões dêiticas precisam ser interpretadas considerando coordenadas de tempo e de espaço, que vão além do que está explícito no cotexto, para dar conta de processos referenciais. Tradicionalmente, são identificados três tipos de dêixis: a pessoal, a espacial e a temporal.

## Poder sem pudor em análise

*Poder sem pudor* traz enredos informais de passagens históricas com personagens diversos da política do Brasil República. Este artigo, porém, priorizou notas políticas citando os presidentes da Nação, publicadas nos meses de agosto e setembro de 2015, no Jornal A Tribuna, do Estado do Espírito Santo.

*Poder sem pudor* servirá de *corpus* para ilustrar algumas das discussões temáticas deste artigo e especialmente para tornar visíveis no texto, em termos de análise na identificação dos seguintes processos referenciais: a introdução referencial, com a apresentação de um referente ou objeto de discurso (OD); as anáforas diretas (AD) e as anáforas indiretas, associativas e inferenciais (AI, AIA e AII), com a retomada de referentes já conhecidos ou ancorados no contexto; os rótulos (AIR) e as

anáforas encapsuladoras (AIE) que sumarizam e organizam partes de textos, e ainda a dêixis (D), expressões que tanto podem introduzir referentes, como podem retomá-los.

De forma mais ampla, serão analisadas três notas (1, 2 e 3) de *Poder sem Pudor*, na tentativa de destacar os fenômenos abordados neste artigo. Outras três notas (4, 5 e 6) serão utilizadas para ilustrar fenômenos mais específicos e menos comuns. Convém registrar que a pretensão não é esgotar a análise dos referentes anafóricos de cada nota, mas salientar algumas das ocorrências como exemplos de construção e negociação de sentidos entre autor e leitor, bem como apresentação e retomada de referentes para a progressão textual.

Nota (1): "Não é a mamãe", Jornal A Tribuna, 09/09/2015, p. 39

**PODER SEM PUDOR**

## Não é a mamãe



Carlos Lacerda fazia mais um demolidor discurso, na Câmara dos Deputados contra o "mar de lama" do governo Getúlio Vargas.

A deputada Ivete Vargas, sobrinha do presidente, pedia – em vão – um aparte. Cansada da insistência e muito irritada, Ivete perdeu a paciência:

"F.D.P!", gritou ao microfone.

"Vossa Excelência é muito nova para ser minha mãe!", respondeu Lacerda, na bucha, arrancando gargalhadas do plenário.

Sempre que um elemento, uma entidade, surge pela primeira vez no texto, há uma introdução referencial: um novo referente ou OD. No primeiro parágrafo da nota (1), os termos "Carlos Lacerda", "um demolidor discurso", "Câmara dos Deputados", "'mar de lama'" e "governo Getúlio Vargas" são todos OD que poderão ou não ser retomados na sequência do texto.

No segundo parágrafo, tem-se novas introduções referenciais: "a deputada Ivete Vargas", "aparte"; "paciência"; "microfone"; "gargalhadas". Todos estes referentes foram citados pela primeira vez, ou seja, são elementos novos que vão contribuindo para a construção do texto e do sentido que este pretende dar ao discurso. Interessante mencionar que o OD "a deputada Ivete Vargas" tem, na expressão "sobrinha do presidente", uma continuidade informativa sobre o OD, um aposto, não se configurando um novo OD, nem uma retomada referencial.

Alguns termos, no entanto, vão retomar referentes já conhecidos do contexto com outras escolhas lexicais. As retomadas através das AD podem ser observadas, considerando, por exemplo, os dois sujeitos

principais da nota jornalística: "Carlos Lacerda", que é referenciado na sequência do texto através dos termos "F.D.P." e "Lacerda". Já o OD "a deputada Ivete Vargas" reaparece simplesmente como "Ivete", no pronome nulo [ela] do verbo "gritou" e no pronome "Vossa Excelência" como expressão de uma "ironia polida" que denota a troca de ofensas entre Ivete e Lacerda.

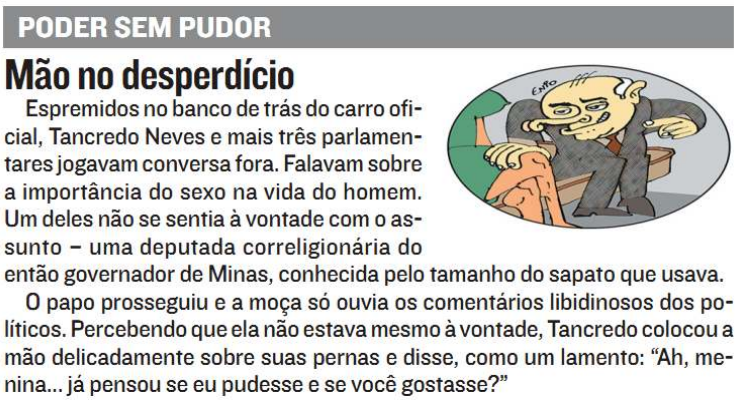
Ainda, no primeiro parágrafo, para o OD "governo Getúlio Vargas", tem-se uma AII com inferência semântico-textual, com a reativação de referentes compartilhados sócio-cognitivamente, através do termo "sobrinha do presidente", pois, no discurso sócio-político, todo presidente empresta o seu próprio nome a um jargão que identifica o seu próprio governo. Sendo assim, "o presidente" é o Presidente Getúlio Vargas. Em relação às expressões dêiticas (D), tem-se como exemplos: "Vossa excelência" como dêitico pessoal de Ivete, e "minha" como dêitico espacial de Lacerda, entre outros.

Em "plenário", na última linha, observa-se uma AIA porque retoma o local, o espaço, onde se dava o discurso de Lacerda, ou seja, "na Câmara dos Deputados". Plenário é, então, um espaço específico da Câmara dos Deputados.

A nota (1) é interessante ainda como exemplo de que o processo de sentido se faz considerando conhecimentos prévios entre os falantes, não apenas a estrutura do signo linguístico. A nota inicia citando que "Carlos Lacerda fazia mais um demolidor discurso, na Câmara dos Deputados, contra o 'mar de lama' do Governo Getúlio Vargas". Se não for do conhecimento prévio do leitor que Carlos Lacerda era o maior inimigo político de Getúlio Vargas, a compreensão do texto pode ser superficial. Quando cita "mais um demolidor discurso" e "'mar de lama'" para qualificar a fala de Lacerda sobre o governo de Vargas, o autor da nota dá pistas de como era essa relação. O tom litigioso entre ambos também fica evidente na identificação da deputada Ivete Vargas como sobrinha do presidente e na sua tentativa "em vão" de fazer calar o orador que discursava contra o tio e presidente Getúlio Vargas, a ponto de partir para ofensas gritadas e revidadas ao microfone.

Além disso, tem-se em "mais um demolidor discurso" e em "mar de lama" duas expressões que buscam, não no cotexto, mas no contexto, no caso social e político, referentes presentes na memória discursiva do leitor, as quais vão confirmar conhecimentos anteriores, prévios, para corroborar as expressões referenciais construídas pelo autor de que eram frequentes os discursos de Lacerda que pretendiam denunciar e reprovar o suposto malsucedido Governo Vargas.

Nota (2): "Mão no desperdício", Jornal A Tribuna, 20/08/2015, p. 39



PODER SEM PUDOR

**Mão no desperdício**

Espremidos no banco de trás do carro oficial, Tancredo Neves e mais três parlamentares jogavam conversa fora. Falavam sobre a importância do sexo na vida do homem. Um deles não se sentia à vontade com o assunto – uma deputada correligionária do então governador de Minas, conhecida pelo tamanho do sapato que usava.

O papo prosseguiu e a moça só ouvia os comentários libidinosos dos políticos. Percebendo que ela não estava mesmo à vontade, Tancredo colocou a mão delicadamente sobre suas pernas e disse, como um lamento: "Ah, menina... já pensou se eu pudesse e se você gostasse?"

Na nota (2), tem-se, no primeiro parágrafo, os OD "banco de trás do carro oficial", "Tancredo Neves", "três parlamentares", "a importância do sexo na vida do homem". A expressão "jogavam conversa fora" é uma AIR que sumariza o assunto debatido pelos ocupantes do veículo: "falavam sobre a importância do sexo na vida do homem". O OD "assunto" retoma o tema "a importância do sexo na vida do homem" que, por sua vez, tem uma AD em "o papo" e por uma AIA em "comentários libidinosos".

O rótulo (AIR) "um deles" sumariza a descrição de um dos três parlamentares, tornando-o um OD recategorizado: "uma deputada correligionária do então governador de Minas, conhecida pelo tamanho do sapato que usava". O texto prossegue com a necessidade de que o leitor infira conhecimentos de mundo, esquemas cognitivos e modelos mentais. Na AII "tamanho do sapato que [ela] usava", que retoma "uma deputada correligionária do então governador de Minas", também retomadas pelas expressões "moça", "ela", "suas pernas" (AIA), "menina" e "você" (AI pronominal), operações de enquadre cognitivo precisam ser ativadas pelo leitor para dar conta do sentido empregado pela AD "tamanho do sapato que [ela] usava" que, na verdade, é um eufemismo para abrandar a afirmação de que a deputada é "sapatão", termo chulo para identificar alguém de homossexualidade feminina.

A nota (2) traz o seguinte rótulo (AIR): "um lamento", que sumariza a expressão seguinte: "Ah, menina... já pensou se eu pudesse e se você gostasse?", no sentido do pesar pela impossibilidade de um relacionamento sexual entre Tancredo e a deputada.

Nota (3): "Mistério Mineiro", 27/08/2015, p. 39

**PODER SEM PUDOR**

## Mistério mineiro



Em Minas, chamavam o senador e ex-governador Magalhães Pinto de "Dr. Magalhães", mas ninguém sabia informar ao certo por que ele fazia jus ao título.

Afinal, ele era formado em quê?

Um jornalista gozador resolveu tirar a dúvida com um dos principais adversários dele, Tancredo Neves, logo ele. Dr. Tancredo apertou os olhinhos e disparou:

"Não sei em quê ele é formado, mas posso garantir uma coisa: nunca conheci um colega de turma de Magalhães Pinto..."

Na nota (3), o OD "senador e ex-governador Magalhães Pinto" é retomado através das AD "'Dr. Magalhães'", "ele", "dele", "Magalhães Pinto". A mesma análise com o referente "um dos principais adversários dele [de Magalhães Pinto], Tancredo Neves" tem as seguintes retomadas com as AD: "ele" e "Dr. Tancredo". Tem-se ainda o referente "Dr. Magalhães" sendo retomado pela AD "título". Na nota, o título de Magalhães é questionado por Tancredo.

No último parágrafo, "uma coisa" é o rótulo (AIR) que sumariza a declaração de Tancredo, que se segue: "nunca conheci um colega de turma de Magalhães Pinto...", sendo enfatizada a crítica de Tancredo Neves na sua última fala e ao excluir o título de "Dr." na retomada do referente Magalhães Pinto. Tem-se em "Em Minas", no primeiro parágrafo, e em "um jornalista gozador", no terceiro parágrafo, exemplos de referentes (OD) que não são retomados no texto.

Nota (4): "O delegado professor", Jornal A Tribuna, 13/09/2015, p. 55

**PODER SEM PUDOR**

## O delegado professor



Tancredo Neves, recém-formado, foi para São João Del Rey exercer a promotoria. Com aquela conversa que o levaria ao poder anos mais tarde, foi chegando e arranjando namorada. Mal sabia que o delegado havia proibido namoro nas praças, por isso ele se misturou aos muitos casais que ocupavam um dos jardins públicos da cidade.

A polícia chegou de repente e expulsou todo mundo. Tancredo se preparava para protestar contra a violência quando foi notado pelo delegado. Rápido no gatilho, o policial mostrou que tinha muito a ensinar a Tancredo: "Doutor, botei esse pessoal para fora para deixar o senhor à vontade..."

Nesta nota (4), "Tancredo Neves" é apresentado como OD, junto a tantos outros: "São João Del Rey", "promotoria", "namorada", "delegado", "namoro", casais", "polícia", "violência" etc. Como exemplos de AIA, temos a retomada do referente "São João Del Rey" através dos termos: "praças" e "jardins públicos da cidade", considerando o conhecimento prévio de que as cidades possuem praças e jardins. Da

mesma forma, "delegado" está sendo retomado numa AIA com a expressão "polícia", pois o primeiro termo é um cargo institucional do segundo termo. O OD "namorada" é retomado por AII em "namoro" e "casais", pois ambas constroem um modelo mental importante para o sentindo da nota.

"Tinha muito a ensinar" é um rótulo (AIR) que sumariza a expressão seguinte, que se configura como um arranjo discursivo do delegado para negociar o sentido que "esse pessoal" e "todo mundo", anáforas encapsuladoras (AIE), deveriam ser expulsos da praça para que "o senhor", AD de Tancredo Neves, pudesse ficar à vontade, ou seja, namorar à vontade.

Nota (5): "O rosto do futuro", Jornal A Tribuna, 24/08/2015, p. 26



PODER SEM PUDOR

**O rosto do futuro**

José Sarney foi a sua cidade natal, Pinheiro (MA), para comemorar seu 50º aniversário. Na praça principal, uma bandeira cobria a obra de arte que o homenagearia.

Rufaram os tambores, o locutor anunciou e finalmente a bandeira foi retirada, descobrindo o busto do senador-poeta. O aniversariante ficou desapontado: os olhos arregalados denunciavam o susto diante da expressão envelhecida que o artista atribuiu ao seu rosto de bronze.

Refeito, ele sorriu e brincou, vingando-se do escultor:

"Não tem problema. O busto já está pronto para a comemoração do meu centenário".

Esta nota (5) traz um exemplo interessante de AIA: "olhos arregalados", no segundo parágrafo, retomam "o aniversariante" que, por sua vez, retoma a "José Sarney". A associação se dá pelo fato de que todo indivíduo possui olhos, especialmente aqui categorizados como "arregalados" para denotar o susto diante da expressão envelhecida do rosto de Sarney talhado na obra de arte.

Outra AII ancorada no modelo de mundo textual constrói-se a partir dos OD "praça principal" e "uma bandeira cobria a obra de arte que o homenagearia", modelo esse também mantido pelas expressões: "rufaram os tambores", "o locutor anunciou" e "a bandeira foi retirada". Todos estes referentes e anáforas compõem o cenário de um evento de homenagem em praça pública.

Nota (6): "O medo de Brizola", Jornal A Tribuna, 03/09/2015, p. 38



PODER SEM PUDOR

**O medo de Brizola**

Leonel Brizola encontrou Tancredo Neves em um evento político e se derramou em elogios, lembrando que ele fora o último ministro da Justiça de Getúlio, indo ao seu enterro e falando em seu túmulo.

"Foi também primeiro-ministro de Jango, compareceu ao seu enterro e discursou junto ao túmulo. O senhor merece o meu apreço", completou.

Quando Brizola se despediu e foi embora, Tancredo brincou:

"Aquilo não é elogio, não. Ele está com medo que eu o enterre. E discurse."

Esta nota (6), em especial, é exemplo de continuidade referencial. As AIA "enterro" e "túmulo" aparecem respectivamente para ambos os OD "Getúlio" e "Jango". Cabe ao leitor ativar conhecimentos arquivados em sua memória para inferir sobre "Getúlio" e "Jango": ambos haviam sido presidentes da república, já eram mortos, e os eventos do velório de ambos são retomados no texto, na fala do OD "Leonel Brizola".

O termo "Aquilo", na última linha da nota, é um rótulo (AIR) de "Ele está com medo que eu o enterre. E discurse", porque não retoma nenhum OD pontualmente, mas sumariza uma parte do texto. Inclusive, a AIR "Aquilo" é uma negação ou uma recategorização do OD "elogio".

**Considerações finais**

As análises ilustram os diversos processos acionados para a construção e a negociação do sentido do discurso, especialmente no ativar, modificar e reativar objetos de discurso. Esses processos exigem uma interação da linguagem, do social e do cognitivo para que o sentido seja construído e para que as intenções de um produtor sejam percebidas, interpretadas, pelo leitor, numa relação de constante negociação e cooperação entre os interactantes da comunicação.

*Poder sem pudor* serviu de objeto de análise, mas reclama estudos mais aprofundados, que possam mergulhar na imensidão do mar da linguagem a ponto de buscar mais entendimentos sobre a complexidade e a dimensão textual aparente e não aparente.

Por hora, concordamos com Van Dijk (2013) quando diz, em relação à linguagem noticiosa, que permanece por ser feita, nos próximos anos, análise do discurso profunda, sistemática e teoricamente fundamentada, de um lado, e uma necessária integração de tal enfoque com as abordagens sociológicas prevalecentes, de outro.

**Referências**

CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ELIAS, V. M. *Referenciação e orientação argumentativa em artigos de opinião*. In: GUIMARÃES, E. (org.). *Textualidade e discursividade na linguística e na literatura*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010, p. 49-63.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, I. V. *Como se constroem e reconstroem os objetos-de-discurso*. Revista Investigações, v. 21, nº 2, 2008.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; MORATO, E. M; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais*. Revista do GELNE, vol. 2, nº 2, 2000, p. 55-65.

VAN DIJK, Teun A. Contexto e cognição. In: _____. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Cognição, discurso e interação*. 7ª ed. São Paulo. Contexto: 2013.

[i] E-mail da autora: rosanimarlow@gmail.com